

atuar como vampiro sem perceber o significado de seus atos. E antes que note aonde chegou, já é um vampiro completo”.

Não obstante, o ocultista não acreditava que o vampiro fosse o primo necrófilo. Achava que o corpo astral de algum soldado magiar se havia prendido ao necrófilo, transferindo-se depois ao jovem primo após o episódio da mordida no pescoço.

Para os céticos, o caso soa totalmente absurdo. Mas tem lá sua própria lógica e certamente explica o vampirismo de uma forma que Summers não consegue fazer.

A explicação de Dion Fortune para os lobisomens também inclui o corpo astral além do corpo físico. Afirma que as mentes poderosas criam formas — pensamentos com vida própria e se transformam em “elementais”. E diz que uma vez ela fez a mesma coisa, ela própria, involuntariamente. Estava deitada na cama a pensar de forma bastante desagradável e negativa num amigo que a magoara. Em estado de semi-sonolência, “veio-me à mente a idéia de esquecer todas as barreiras e me encher de fúria cega. Surgiram perante mim os antigos mitos nórdicos, e pensei em Fenris, o horrível Lobo do Norte. Senti ao mesmo tempo a curiosa sensação de exaurimento de meu plexo, e se materializou a meu lado, sobre a cama, um enorme lobo (. . .). Eu sentia nitidamente seu dorso encostando-se em mim (. . .). Eu nada sabia da arte de produzir elementais na época, mas por acaso dei com o método correto — a reflexão muito carregada de emoções, a invocação da força natural apropriada, e o estado entre sono e vigília em que o corpo astral prontamente assume o controle”.

Embora rija de medo, conseguiu não entrar em pânico e expulsou a criatura da cama. O bicho pareceu transformar-se em cachorro, e desapareceu pelo canto do quarto. Naquela noite, outra pessoa da casa sonhou com lobos e com os olhos de um animal selvagem a brilhar na escuridão. Ela resolveu se aconselhar com seu mestre — provavelmente Crowley —, e este disse que ela tinha de “absorver” a criatura que produzira. Mas como a aparição fora criada a partir do desejo de ajustar contas com uma determinada pessoa, Dion Fortune tinha de começar por esquecer sua vontade de vingança. E, como que por coincidência, a oportunidade ideal para se vingar apareceu naquele exato instante. “Tive juízo o bastante para ver que me encontrava numa encruzilhada. Não tomasse cuidado e daria o primeiro passo na trilha Esquerda.” Decidiu perdoar quem a havia magoado, bem como reabsorver o lobo, o que descreve da seguinte forma:

Ele entrou novamente pelo canto norte do quarto (depois eu soube que o norte era o lado do mal para os antigos), e se postou no tapete da lareira com aspecto bastante suave e domesticado. Obtive excelente materialização à meia-luz, e juraria que estava ali um enorme cão pastor alsaciano a olhar para mim. Era muito real, até pelo cheiro próprio dos cães.

Dele até mim estendia-se uma sombria linha de ectoplasma; uma extremidade presa a meu plexo, a outra desaparecendo por entre os pêlos felpudos de sua barriga (. . .). Por um esforço de vontade e imaginação, comecei a lhe extrair a vida por esse cordão, como quem suga um refrigerante pelo canudo. A forma de lobo começou a desaparecer à medida que o cordão se tornava mais espesso e substancial. Fui tomada de violenta convulsão emocional, e senti os mais furiosos impulsos de enlouquecer e rasgar e dilacerar a tudo e a todos que me caíssem nas mãos, investindo às cegas contra tudo (. . .). A forma de lobo desaparecia, transformando-se em disforme névoa cinzenta. E isto também foi absorvido através do cordão prateado. A tensão cedeu e me vi banhada em suor.

É curioso observar que, durante as breves vinte e quatro horas de vida daquela coisa, existiu uma oportunidade de vingança efetiva.

Ao contrário do mestre Crowley, Dion Fortune não parece exibicionista, ávida por criar situações de efeito. O extraordinário material de seus livros, bem como a seriedade com que o apresenta, fazem dela um caso praticamente único entre os autores do ocultismo. Mesmo um cético tem de reconhecer que ela escreve como alguém que sabe do que está falando, e sem fazer uso da linguagem inflada e romântica da maioria dos ocultistas. E o que afirma nesse exerto a respeito da tentação da “trilha Esquerda” diz muito da vida dos magos. Na Kabbalah, o mundo da magia — Yesod, a lua — situa-se em nível mais baixo do que o mundo de Hod, do intelecto e da imaginação, ou de Netshah, o vital, das forças criativas da natureza. Há pessoas dotadas de faculdades “mágicas” naturais, mas a menos que se submetam ao intelecto e à imaginação, serão utilizadas para servir às emoções negativas — malícia, inveja, etc. O resultado é a degeneração do caráter. A maioria das pessoas possui faculdades mágicas naturais. Felizmente, a maioria não sabe disso.

Interessante é observar que o morcego chamado vampiro parece ter recebido esse nome por causa do vampiro das histórias, e não o contrário. Até pouco tempo atrás pouco se sabia desse bicho. Quando por fim os zoólogos o estudaram, descobriu-se que, na realidade, ele não suga o sangue, mas o lambe, como o gato faz com o leite. Ao contrário de Drácula e seus pares, o morcego vampiro não deixa dois furinhos. Faz pequeno orifício na pele da vítima com os incisivos, e em seguida põe-se a introduzir a língua repetidamente com muita rapidez, ingerindo assim o sangue. O corte geralmente continua a sangrar depois que ele pára de sorver. O único atributo do morcego vampiro que, de certa forma, parece sobrenatural é sua capacidade de fazer a incisão sem provocar dor ou despertar a vítima. Pessoas atacadas por esses morcegos — em países tropicais — só se dão conta do fato quando acordam e vêem as manchas de sangue no lençol. E já se comprovou por observação que outros animais permanecem parados, imperturbáveis com o ataque, en-